

Mãe Viva

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 192 — Preço 6\$00 — 10/4/80

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

Afinal, tudo vai bem?

Com frequência nos temos dado eco de situações que se têm vindo a viver nos Bombeiros Voluntários de Espinho e que têm tido por motivo alegados desentendimentos entre o Comandante e alguns bombeiros do Corpo Activo. Se nalguns casos tudo se tem resumido a acusações e ataques que o tempo acaba por eliminar, noutros o desfecho tem sido mais grave, dando origem a demissões de bombeiros.

Em qualquer dos casos, é o bom nome da Corporação que está, de alguma maneira em causa, é a segurança das populações que pode ser afectada se tais problemas tomarem proporções que possam diminuir a capacidade de intervenção da Corporação. Recentemente, novas informações nos chegaram e com alguma insistência, denunciando situações pouco claras e correctas, no entender de quem no-las fez chegar. Por is-

so mesmo, para fazer o ponto da situação e informar com clareza quantos se vêm interrogando sobre esses rumores, contactámos várias pessoas ligadas aos Bombeiros V. de Espinho, começando por recolher depoimentos do Comandante senhor Veiga Ribeiro, cujo nome tem estado no centro das questões surgidas, e do Presidente da Direcção, arquitecto Jerónimo Reis. Juntamente, e como primeiro confronto de opi-

niões, publicamos hoje um outro depoimento, da autoria de alguns bombeiros que defendem pontos de vista próprios, e que contamos apresentar desenvolvimentos no próximo número. Cremos com este trabalho contribuir para a discussão de situações que importa esclarecer, sob pena de poderem agravar-se e ultrapassar os limites do sustentável, sendo a população afinal a sofrer as principais consequências.



Uma Associação Humanitária onde os homens nem sempre parecem entender-se bem. É o amor próprio acima do amor do próximo?

DEPOIMENTOS DE:

- Com. Veiga Ribeiro
- Arq. Jerónimo Reis
- Bombeiros da Corporação

— Página 3 —

Presidentes recusam Constituição

Com a ausência significativa dos presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal, teve lugar no passado sábado e nos paços do Concelho uma sessão comemorativa do aniversário da Constituição, organizada por iniciativa da Câmara. Na presença de largas dezenas de espinhenses que enchem por completo a acanhada sala da Câmara, António Taborda, da APU e Carlos Candal, do PS, teceram breves considerações sobre o significado da data que se comemorava, a que se seguiu um breve período de perguntas e respostas. E foi precisamente um dos cidadãos presentes que fez chegar à mesa que presidiu à sessão, onde estavam Artur Bártolo, António Ruano e Casal Ribeiro, uma moção sobre a ausência já referida dos presidentes, com o seguinte teor: «Os presentes manifestam o seu desagrado e



A ausência dos presidentes foi a mancha numa sessão significativa

censura pela ausência dos presidentes da Assembleia Municipal e da Câmara a este acto público, solicitando aos órgãos de informação presentes que sejam eco desta moção». A moção foi aprovada por unanimidade e aclamação.

De registar ainda que no início da sessão foi entregue aos vereadores presents um abaixo-assinado de mulheres de Espinho protestando contra a subida do custo de vida e que continha mais de sete centenas de assinaturas.

25 DE ABRIL

Continuam a ser preparadas as comemorações concelhias do 25 de Abril, aprovadas pelas forças de esquerda presentes na Assembleia Municipal e na Câmara. O processo de subscrição pública continua a correr, como previsto. Partidos, sindicatos, comissões de moradores e outros têm listas pró-

prias para angariação de fundos, uma vez que, por oposição da AD, a Câmara ficou impedida de gastar dinheiros públicos. Nas filiais bancárias da cidade há contas abertas para quem quiser contribuir. Na própria secretaria da Câmara há também um funcionário destacado para receber donativos.

A D quis mandar na Comissão

Entretanto, novo passo foi dado na passada semana com a primeira reunião da comissão encarregada das comemorações, reunião por sinal algo acidentada. Acontece que a AD trazia a lição bem estudada ao ponto de ter definido sozinho por alta recreação do seu eleito presidente da Assembleia, o número de elementos a que cada força política teria direito na comissão. E isto sem dar cavaco aos outros interessados. E, naturalmente, fizeram as con-

tas de cabeça e concluíram rapidamente que se definissem 4 para a AD, 2 para o PS e 1 para a APU ficavam com a maioria, como confessaria inoportunamente um dos representantes AD. Só que as contas não bateram certas porque não só o PS e APU não gostaram da brincadeira como, ainda por cima, o resultado da jogada não foi nenhum, já que da comissão farão também parte dois vereadores

continua na página 8

SOLVERDE

cumpriu calendário

Há uma semana atrás, a empresa concessionária do Casino (Solverde) reuniu-se em Assembleia Geral tendo sido tratados, entre outros, alguns assuntos de interesse público, principalmente no que se refere a subsídios destinados a organizações do concelho.

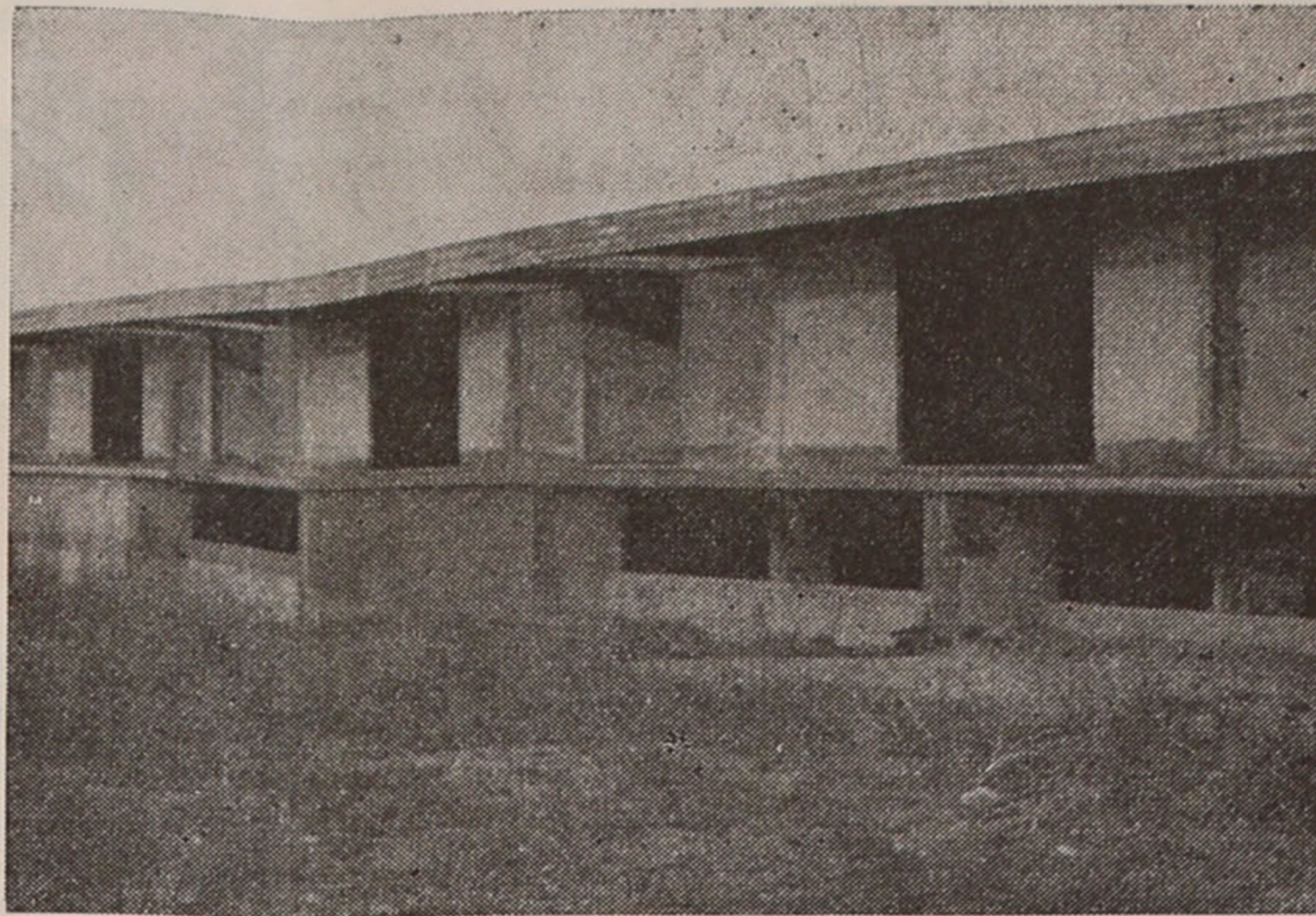
No campo da assistência social, organizações como o Patronato e a Cerci receberam 100 contos cada enquanto as Corporações de bombeiros, o Centro de Assistência e o Núcleo de Acção Social escolar tiveram 200 contos cada. A maior fatia foi para a Comissão Fabriqueira de Espinho, encarregada da angariação de fundos para a construção do Salão Paroquial, no valor de 300 mil escudos.

Quanto às colectividades, Sporting de Espinho e Académica têm 200 contos cada, sendo a Banda de Espinho a mais presenteada entre as congéneres (100 contos). Ainda no capítulo de subsídios a colectividades culturais merecem destaque o Orfeão de Espinho, com 50 contos, certamente não por se tratar da única associação cultural da cidade ou, sequer, da mais importante, mas a Solverde tem os seus critérios.

Noutro campo de actividades, totalmente diferente, poderá referir-se os 200 mil escudos destinados à Companhia de Paramos, indo a maior quota de todas estes subsídios para um, mais ou menos secreto fundo destinado a uma obra de utilidade pública, 2.860 contos, onde já se acumulam uns bons milhares de contos. Nada se sabe, para já, que obra e quando será levada a cabo. E os juros? Ficam ou saem?

Dentro de várias decisões pontuais poderão destacar-se a proposta do nome de Manuel Violas para Presidente do Conselho de Administração e a atribuição dum desconto (30%) sobre as despesas efectuadas pelos accionistas no Casino. Enfim, amêndoa destinada a adotar a boca dos que lá são assíduos, pois quanto à maioria será mais um cartão...

Ainda antes de encerrada esta assembleia geral, foi feita um balanço da actividade, sendo dada a devida estocada em alguns jornais da terra, habituais «críticos» das actividades da empresa. Pelos vistos, a Solverde gosta é de porta-vozes officiosos cheio de vénias e outros salamaleques.



SEMPRE VAI?

A construção começou antes do 25 de Abril. Diz-se que se ia destinar a casa de férias do conhecido banqueiro Pinto de Magalhães. Com a nacionalização da banca, o que fora feito da obra terá passado também ao património público e durante anos ali ficaram os alicerces e as paredes nuas erguidas numa promessa incompleta.

E ainda hoje ali estão, mas parece que com futuro já mais definido, porque o imóvel foi recentemente adquirido por um espinhense que se propunha dar um fim à obra inacabada. Consta, porém, que dificuldades surgiram no caminho e persistem as dúvidas quanto ao que acabará por vir a surgir naquele local. A gravura cá fica mais uma vez, mas será a última?



Quinta-feira, 10
DOCE REFÉM
M/ 13 anos

Um jovem fugido de um reformatório rapta a filha de um rico fazendeiro com o intuito de obter um chorudo regate. Durante esse período de expectativa criou-se um clima de amizade o qual deu um triste epílogo no desfecho das negociações. Em linhas gerais, este é o desenrolar desta película americana de qualidade aceitável que, sem querermos ser cínicos ou irónicos, nos sugere um pouco o caso que se regista actualmente em Teerão.

Sexta-feira, 11
O REGRESSO DO MAL
M/ 13 anos

Raramente aqui assinalamos um filme do «horror ou do fantástico» que mereça plenamente ser visto. Pois aqui está um que justifica bem o interesse dos seus apreciadores. A sua realização é de um dos mais importantes cineastas do género na actualidade: John Carpenter, recentemente distinguido no Festival de Avoriaz que é dedicado exclusivamente àquele tipo de cinema.

Sábado, 12
EU NÃO PERDÔO, MATO
M/ 13 anos

Com títulos neste tipo de linguagem certamente que não é difícil de ver do que se trata. Pum... Pum... «e a miúda do artista, no fim, casa-se com o cavalo.»

Domingo, 13
AS AVENTURAS DOS MARRETAS
M/ 6 anos

As já bem populares figuras daquela série da TV, e dado o grande êxito alcançado em muitos países, foram «convidadas» a fazerem um filme de fundo. Para isso arranjou-se-lhe um argumento giro (com princípio meio e fim) que aliado ao seu tradicional humor permite apreciar as suas movimentações fora das habituais cenas do estúdio. Com esta transposição para o cinema, algo de característico e fundamental se perde, ou seja, aquele ritmo de piadas que torna o seu programa particularmente excitante. Mas apesar disso, é de não se deixar perder.

Terça-feira, 15
O MAIOR AMANTE DO MUNDO
M/ 13 anos

Por alturas dos anos 20, os produtores de cinema procuram afanosamente um rival para disputar o fascínio do lendário Rudolfo Valentino. E quem poderá servir? Gene Wilder! Com esta fantasia, este actor-argumentista-realizador proporciona-nos uma divertida comédia, comparável ao melhor burlesco americano (não tivesse ele a experiência de trabalhar com Woody Allen e Mel Brooks). Dom DeLouise faz o mote, e assim temos um filme a não perder.

Concerto Coral Sinfónico

O Concerto Coral Sinfónico, com a participação da *Orquestra Sinfónica do Porto (RDP)* e do *Coro da Sé Catedral do Porto*, realizou-se no passado dia 3, na Igreja Matriz de Espinho.

Perante numerosa assistência, que enchia por completo a Igreja, foram cantadas, na primeira parte pelo Coro da Sé Catedral sob a direcção do Padre Ferreira dos Santos, quatro canções dos séculos XVI e XVII: «*Ecce quomodo moritur justus*» de J. Handl, «*Magnificat Octavi Toni*» de Manuel Cardoso, «*Justorum animae*» de Orlando di Lasso e *Missa «pape Marcelli»* de Palestrina.

Na segunda parte,, a Orquestra Sinfónica do Porto e o Coro da Sé Catedral, executaram uma extraordinária obra de Bach, o «*Magnificat*», uma dos três cânticos do Novo Testamento.

Rastreio de Tuberculose

A Delegação de Saúde de Espinho informa que o Radiorastreio (Microrradiografia) estará no concelho nos dias 16 (Praia e Agueiro, em Paramos, e Bairro Piscatório), 17, 18 e 19 (nos Bombeiros Voluntários Espinhenses) e dia 21 (na Fábrica de Conservas Lopes da Cruz).

FARMÁCIAS

Quinta — *Farmácia Teixeira* — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Sexta — *Farmácia Santos* — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sábado — *Farmácia Paiva* — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Domingo — *Farmácia Higiene* — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Segunda — *Grande Farmácia* — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Terça — *Farmácia Teixeira* — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Quarta — *Farmácia Santos* — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331

COLUNA NASCENTE

PLANO DE ACÇÃO PRONTO

Está já pronto o programa de actividades da Nascente para o ano em curso. Com base nas propostas de acção enviadas por cada secção da Cooperativa, a Direcção procedeu à elaboração do texto final, que foi enviado às entidades ligadas à cultura no sentido da atribuição dos indispensáveis subsídios para a sua concretização.

Para além de uma descrição mais pormenorizada que tencionamos fazer em próxima oportunidade, podemos desde já adiantar que todas as secções se propõem levar a cabo um significativo conjunto de actividades, não só em Espinho como noutras localidades, abertas aos associados e à população em geral. Mesmo com as dificuldades conhecidas, e que estão ligadas em grande medida à falta de instalações adequadas, a acção cultural da Nascente continua lançada para novos voos.

COMEMORAR ABRIL

Como vem sendo habitual de anos anteriores, mais uma vez este ano a Nascente se associa à comemoração de datas importantes para o Povo Português e que têm também muito a ver com as novas possibilidades de acção cultural que nos últimos anos se criaram no nosso País. Foi o aniversário da Constituição, lembrado através de uma pequena mas significativa exposição fotográfica documentativa de alguns preceitos constitucionais quantas vezes esquecidos, e vai ser dentro de breves semanas um conjunto de iniciativas comemorativas do 25 de Abril. Em breve será dado a conhecer o programa geral, mas desde já podemos dizer que haverá um colóquio sobre liberdade de imprensa, um encontro com um militar conhecido e com obras publicadas e uma intervenção do Coro Popular de Espinho que apresentará uma versão melhorada do espectáculo «Era uma vez um País», tudo isto integrado no Salão de Abril com promoção de livros e discos a cargo do Centro Lívoro.

Orfeão tem nova Direcção

Em recente Assembleia Geral, foram eleitos os novos Corpos Gerentes do Orfeão de Espinho para 1980/81. Velha colectividade espinhense, está agora em fase de relançamento, após alguns anos em que esteve parado. Daí que pesada responsabilidade recaia sobre os ombros dos novos dirigentes, tanto mais que ao prestígio do Orfeão anda ligado, como fundador e maestro durante muitos anos, o nome de Mário Neves. Encabeçam os corpos sociais Manuel Rodrigues Bigail, José Manuel Cadete Gonçalves e Rogério Pina de Fi-

gueiredo, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal.

Manuel Casal Ribeiro

A Família muito reconhecida vem por este meio agradecer a todas as pessoas que assistiram ao seu funeral.

MARE VIVA

Director:
ANTONIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

SEMANARIO

Propriedade:
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Morais Gaio, Nuno Barbosa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Dário Capela, Eugénio Morais, José Cruz e Nunes Carneiro (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

«Serviços prestados são meritórios»

— afirmou o Arq.^o Jerónimo Reis

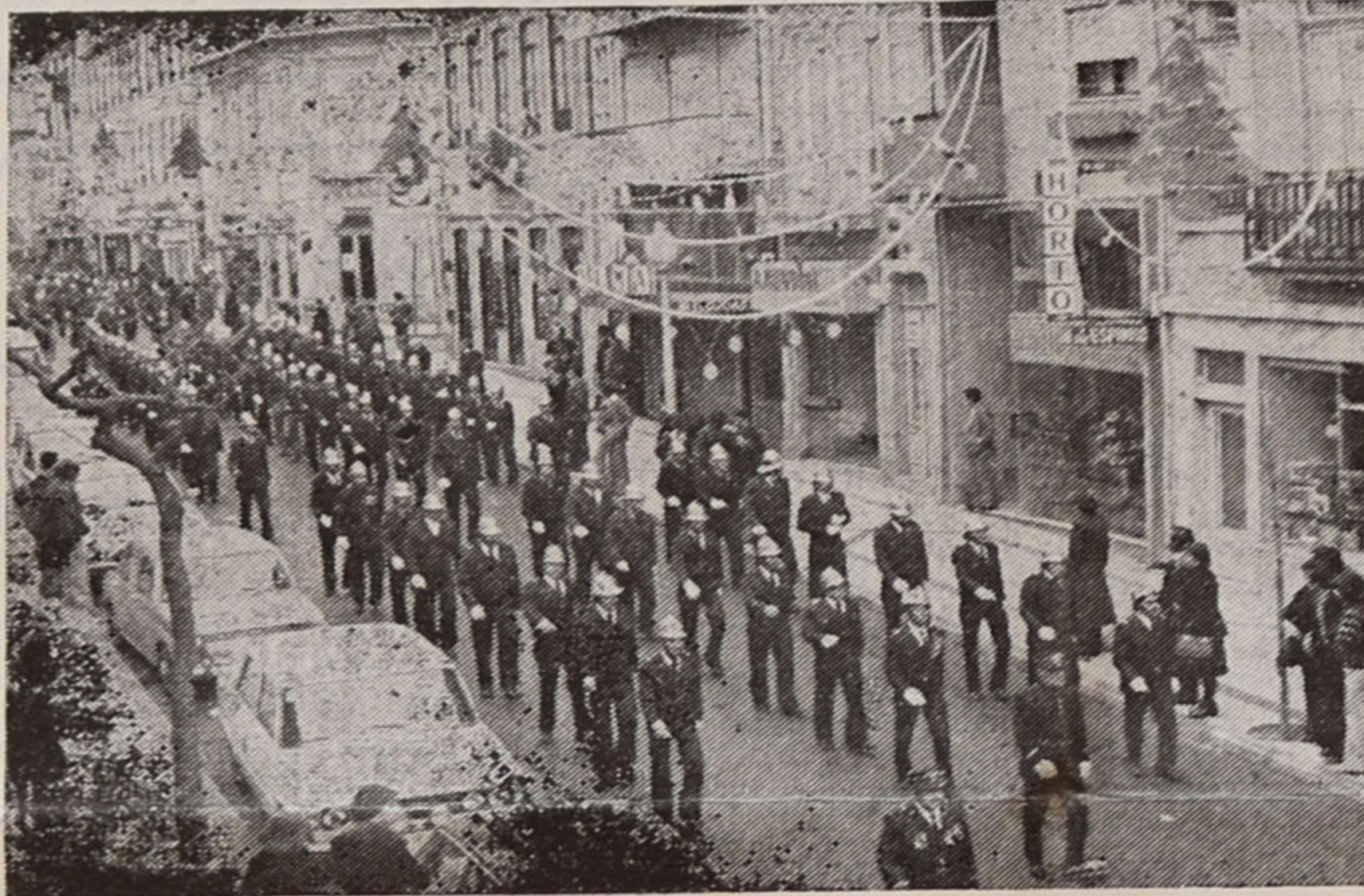
Mal se entenderia que as questões que se põem em redor dos Voluntários de Espinho não fossem abordadas por nós junto do Presidente da respectiva Direcção Arquitecto Jerónimo Reis. Foi o que fizemos, e a troca de impressões surgiu franca e natural, como é hábito bem conhecido da personalidade invulgar daquele espinhense. Jerónimo Reis é um homem que tem dado muito do seu esforço a colectividades várias de Espinho e por isso nada mais natural do que encontrar-se também à frente de uma associação de bombeiros. Sobre ela nos disse a sua posição, referindo logo de início a facilidade de orientação de uma colectividade onde os grandes problemas surgem apenas no sector económico. E isto também porque «uma coisa é a administração e outra é o corpo activo, a fanfarra, etc., tudo virado para prestar auxílio ao nosso concelho e não só».

Posta por nós a questão da qualidade dos serviços prestados, o Presidente dos V. de Espinho considerou-os altamente meritórios, no essencial, «ainda que seja sempre preciso mais, por exemplo bem jeito nos fazia uma escada Magirus, para atacar os incêndios nos prédios mais elevados, mas que custa para cima de 7.000 contos, o que diz bem que está fora do nosso alcance. Isto porque o nosso grande problema são as dificuldades económicas o material é todo muito caro e se é certo que desde a Câmara ao governo vamos vendo chegar alguns subsídios, o dinheiro é sempre insuficiente para as nossas necessidades. De qualquer forma, posso dizer que a Corporação se encontra economicamente bem neste momento e apetrechada de acordo com as necessidades dentro do possível.»

Quando fizemos notar que chegam com frequência ao exterior ecos de outro tipo de problemas, mais ligados com situações de mal-estar e desentendimento entre elementos da Corporação, e envolvendo quase sempre o Comandante, o arquitecto Jerónimo Reis, concordando que aí aparecem alguns problemas, afirmou que por vezes esses assuntos chegam à Direcção que sobre eles se debruça, mas que «os bombeiros e o Comando têm autonomia na sua maneira de trabalhar. Ainda um dia destes surgiu lá um problema por causa da utilização de um armário e alguns bombeiros fizeram uma tragédia daquilo, quando podiam ter resolvido a questão entendendo-se todos com calma. Esse tipo de situações devem ser resolvidos entre o Comando e os bombeiros, procurando a Direcção que todos se entendam e ultrapassem as divergências que aparecem. Também no ano passado houve um problema muito aborrecido, que deu origem a muitos inquéritos e à demissão de alguns bombeiros, em que al-

guns não queriam lá o Comandante, alegando que ele protegia uns bombeiros e perseguia outros, referindo-se sobretudo aos exames. O inquérito que se fez mostrou que não era assim, até porque os exames são feitos por pessoas de fora e ele não pode proteger ninguém, não tem interferência na aprovação. O Comandante é que trata desses assuntos e a Direcção pronuncia-se sobre o que pensa da acção do Comandante, propondo a sua nomeação de três em três anos, decisão que tem ainda de ser ratificada pela Inspeção de Incêndios do Norte.»

A propósito, perguntámos sobre o que há de verdade nos rumores de que o Comandante actual ainda recentemente pe-



diu a sua demissão. Tal nos foi confirmado, adiantando o arquitecto Jerónimo Reis que fora ele próprio quem se opusera à aceitação do pedido de demissão, fazendo notar ao Comandante que «temos aqui uma obra a realizar, e se fores embora eu também vou, porque sozinho não aguento isto. Nem me vou agora preocupar a arranjar outra pessoa, pois se tens defeitos, tens também virtudes, tens a tua maneira de actuar, entendemo-nos bem tens de ficar.» E com isto se ultrapassou a situação, continuando o Comandante Veiga Ribeiro no comando dos B. V. de Espinho. E no entender do Presidente da Direcção, em boa hora, pois que «como comandante é impecável, é considerado um dos melhores do distrito de Aveiro.»

Entretanto, soubemos também que a Direcção eleita este ano viu entrarem para o seu elenco novos elementos e que vieram substituir o secretário e o vice-presidente da Direcção cessante, que não quiseram continuar, ao que parece por divergências que foram surgindo ao longo do ano com o Comandante. Mas todas essas questões são, no entender do Presidente da Direcção, pouco significativas, num contexto de actuação dos Bombeiros que surge altamente meritória.

Fala o comandante VEIGA RIBEIRO:

«Estamos todos muito satisfeitos cá dentro»

Veiga Ribeiro, espinhense conhecido também das lides camarárias onde foi vereador em representação do CDS e presidente da Comissão de Turismo, é o polémico Comandante dos Bombeiros V. de Espinho. Polémico porque a sua actuação naquele cargo é avaliada de maneiras diferentes dentro da Corporação, como aliás ressalta dos textos que hoje publicamos. Em entrevista que nos concedeu não se escusou a responder a todas as questões por nós postas, mostrando uma grande convicção na justeza das posições que vem assumindo. São as suas palavras que aqui deixamos como um significativo contributo para a melhor compreensão do que se passa na Corporação.

— A consulta do mapa anual dos serviços executados pela Corporação é bastante sintomática da actividade desenvolvida, bem como de todo o movimento, quer de pessoal, quer de material. Para esse nosso trabalho temos de contar sempre com os problemas que surgem. Há de facto problemas com o pessoal e há, acima de tudo, problemas financeiros que de algum mo-

do afectam os serviços.

No que se refere a questões com o pessoal, e desde o momento em que entrei para cá, já lá vão 18 anos, tenho tido mais que uma vez alguns problemas. E isso porque usei desde o primeiro dia em que cá vim o sistema de manter a todo o custo um corpo de bombeiros disciplinado, de maneira a satisfazer e dar cumprimento às necessidades e às obrigações que temos em servir as populações que nos estão confiadas. Para mim não me importa a quantidade de pessoal, mas devo desde já dizer que temos neste momento mais de setenta bombeiros ao serviço. E é evidente que uma vez por outra há necessidade de levantar processos disciplinares porque o comportamento de alguns bombeiros assim o obriga. Isto porque no meu entender só há dois processos de actuação num corpo de bombeiros: ou se mantém a disciplina, para se poder cumprir a missão que nos está confiada, ou então, por uma questão de comodismo, de não estar a criar problemas os responsáveis não seguem o que es-

tá regulamentado. Eu uso o sistema de cumprir a disciplina, daí que sempre que um bombeiro comete qualquer falta abrangida pelos diversos artigos do regulamento é evidente que tem que estar sujeito ao processo disciplinar respectivo. Por outro lado, convém que se diga que com muita frequência se fazem reuniões de graduados, onde se procura obter o consenso geral para resolver os problemas de maior importância. É evidente que eu terei sempre a última palavra mas está ainda para acontecer a primeira vez em que eu tome uma atitude diferente daquela que me é apresentada pelos graduados.

Quero também dizer que sempre que há uma onda de insubordinação na Corporação os serviços são altamente prejudicados e sempre que se «arruma a casa» os serviços melhoram de uma maneira extraordinária. E nesse aspecto estamos todos muito satisfeitos com o funcionamento dos serviços cá dentro e cremos que a população também.

continua na página 6

«Mau ambiente dentro da Corporação»

— adiantam bombeiros

Posição bem diferente das que nos transmitiram o Presidente e o Comandante da Corporação é a de vários bombeiros que nos contactaram e até nos fizeram chegar um primeiro depoimento, escrito, sobre a forma como vêem a actuação do Comandante, adiantando que dentro de dias nos transmitiriam outros dados que consideram de interesse. Aqui ficam, para já as suas palavras:

Como resultado de uma exposição apresentada simultaneamente por uma comissão de Bombeiros ao respectivo Comandante do Corpo Activo e à Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho (motivada pela ocupação que o Comandante fez de uma dependência antes abandonada e degradada, na qual os comissionados haviam feito com o seu trabalho e a expensas suas as benéficas necessárias para a tornarem habitável, convertendo-a num centro de convívio com sala de bilhar e outros jogos, bufete e sala-de-estar, alcatifada e mobiliada, para vir o Comandante lá mandar guardar peças do material que antes eram guardadas noutra dependência do quartel, atitude em que os subordinados viram um acto de menosprezo e desconsideração pelo seu esforço. Contrariamente, eles julgavam-se merecedores do apreço e estímulo dos seus camaradas e superiores hierárquicos, mas, em vez disso, eles tiveram como resposta do Comando uma carta dirigida a um dos comissionados a recriminá-los pela exposição apresentada,

com a recomendação de a entregar aos demais comissionados, aos quais ironicamente designou por «membros do grupo de bem-fazer».

Não é esta a primeira nem única vez que o Sr. Comandante — de seu nome Veiga Ribeiro — toma decisões deste género que muito afectam a harmonia e a própria disciplina dentro desta humanitária corporação. Vejamos:

Em fins de 1978 foi notório o descontentamento que a atitude do Comandante motivou, criando um mau ambiente dentro da Corporação, pelo que um determinado número de bombeiros descontentes pediram a sua demissão. Mesmo assim, o mau ambiente persistiu, a ponto de um graduado escrever uma carta à Direcção, a expor determinada anomalia, nela apelidando o Comandante de «PINOCHET».

Um outro bombeiro com acesso à Secretaria pediu a demissão de todos os cargos que exercia alegando que, embora houvesse bons elementos no Corpo Activo, o Comandante estava rodeado de alguns «parasitas» que muito influíram maleficamente no seu procedimento pe-

lo que acontecia ver-se que o mal-estar não provinha do Corpo Activo, mas antes do Comando. Se acontecia de haver algum atrito entre um graduado e um bombeiro, ainda que este tivesse razão, não seria este quem a tinha mas sim o graduado. Tal critério não é bem aceite por quem ama a Justiça; por isso cria descontentamento entre os subordinados.

Pelo mesmo Comandante foi há algum tempo punido um bombeiro porque encontrando-se em absoluta necessidade de ser transportado ao hospital local, afim de ser submetido urgentemente a uma operação cirúrgica, utilizou sob sua responsabilidade uma viatura de fogo depois de todas as tentativas empreendidas para arranjar uma ambulância, sem o conseguir. Então serviu-se da ajuda de um bombeiro, devidamente encartado, para o transportar naquela viatura por, no momento e na circunstância de a sua vida correr perigo, ter absoluta necessidade de ser levado ao hospital.

Para uma Corporação que conta 86 anos de existência,

continua na página 4

TRIANGULO



CAFÉ — BAR
COZINHA REGIONAL

Aberto até às 2 horas da manhã
Especialidade em Francesinhas, etc.

Angulo das ruas 15 e 22 — Telef. 920997 — ESPINHO
(Encerramento às 5.ª feiras para descanso do pessoal)

LUSITÂNIA

ABRIL 80

VÓOS

Aquando das manifestações de protesto e das paralizações contra a «política» deste sexto no Alentejo, consta que a Força Aérea resolveu fazer voos razantes sobre a zona da Reforma Agrária. O pretexto de todo este desperdício de combustível foi, utilizando aquelas expressões romanescas que são hábitos nos exercícios militares, «Revolta popular armada no Alentejo». Daí que, durante esses dias de luta «anti-sexto» a martirizada zona alentejana tenha sido, provocatoriamente sobrevoada em vagas sucessivas, por aviões da FAP. Desculpem o tom «sério» deste apontamento. Mas será que é preciso tanta manifestação de força da parte de quem não tem a maior força de todas por seu lado — a força da razão, que os trabalhadores alentejanos têm?

Quem souber... responda! Se puder...

O CARTERISTA

Você sabe o que é um carteirista? Claro! Toda a gente sabe! Mas... um carteirista? Ah, não sabe... Mas, afinal, você não costuma ver o Telejornal? Se sim, já sabe o que é isso! Não reparou que a figura e as notícias que mais aparecem no famigerado «TJ» são referidas ao «rei dos amendoins», Jimmy Carter? Claro que reparou. Você até é capaz de ter notado que essa figura cheia de dentes está omnipresente em todas as edições do Telejornal da RTP. O que é que acha disso? Vá lá... seja sincero! Todos os impropérios, ponha-se a paus! Das 8 às 8 e meia da noite, o carteirista ataca. E de que maneira!

O VULTO

O chefe Sá foi passar as férias da Páscoa para junto do seu correlegionário Jardim, vice-rei da Madeira. Mal pôs pé na terra do bailinho, empertigou-se do alto do seu metro e meio e disse: «A AD já tem um candidato às presidenciais! Grande tirada! Fica-nos a dúvida de quem os ads irão desenterrar: Carmona? Craiveiro Lopes? ou, como disse o «DL» no dia de enganos, será o marinho cortafitas? De qualquer maneira com os recursos de que usualmente dispõem Sá, Freitas e Cia. deve tratar-se de um vulto de «enorme prestígio». Talvez até use monóculo e esteja disposto a reincidir. Aceitam-se apostas.

PERGUNTAR NÃO OFENDE

Porque é que na semana passada no 2.º canal, não apresentaram as «Imagens da década»? Teria realmente sido por «deficiências técnicas» como a sorridente locutora disse? Hum! Não parece. Talvez porque o episódio teria algumas cenas que não agradaram aos novos censores da RTP. É moda — com a TV a cores, voltou o lápis azul.

OLEIROS

JUNTA MANDA ESPERAR

Os cabo-verdianos usam muito a expressão «parece mentira», e com isso querem significar o seu espanto ou a perplexidade perante certos factos que acontecem na vida, ou como definição de certos tipos de pessoas. Quando os factos são confusos e ninguém os entende, ou são de qualquer maneira insólitos ou ambíguos dizem: ISTO PARECE MENTIRA!

Quando uma pessoa não é transparente, não coloca os problemas com a suficiente clareza para serem entendidos por todos, há na sua maneira de comunicar com o público um certo tipo de confusão mental, eles também dizem o mesmo: «parece mentira!»

Ora, parece mentira, o que se está a passar com o problema motivado pelo presidente da Assembleia de Freguesia de Oleiros, visto que parece esquecer que aquele órgão deve ter reunião pública uma vez em cada trimestre, ou mais, consoante as carências, problemas, resoluções que seja necessário assumir.

Na verdade, escreve-se no texto da Lei das Autarquias Locais a finalidade que é atribuída a esse Órgão Autárquico. Esquece ou julgará o senhor presidente que Oleiros não carece do debate público ou que a Assembleia rectificadora toda a actividade autárquica? Ora acontece que a Assembleia de Freguesia de Oleiros não reuniu uma única vez no 1.º trimestre do corrente ano. Claro que para tudo existem argumentos, e na verdade parece

(suponho que não falseio de maneira nenhuma as intenções das pessoas que assim vão decidindo) que o problema fundamental seja o não conhecimento do montante a atribuir via Orçamento Geral de Estado ao Poder Local.

Mas parece que também já é a altura de encararmos os problemas deste país assim como o das autarquias a sério sem cuidarmos tanto do seu custo aparente, e por outro lado incentivar o debate dos problemas que preocupam dia a dia a população Oleirense.

Nada disto tem acontecido, bem pelo contrário. Se excluirmos os serviços de secretaria e serviços correntes nada tem sido feito no intuito de incentivar ou motivar as pessoas para a real participação.

Seria, na verdade, de maior interesse para a população serem informadas sobre a política de actuação da Junta e exercício, que é da responsabilidade da AD, assim como levá-las a participar e torná-las conscientes de que é preciso preservar o bem público, no que, afinal, todos temos uma palavra a dizer, directa ou indirectamente.

Entendem porém, os membros da actual Junta que a Sociedade Oleirense está já bastante desenvolvida, pelo que até dizem: — Que mais pode querer Oleiros se já tem um Pavilhão Desportivo, uma Biblioteca? Mas, e por inoperância da mesma Junta, funcionam tanto o pavilhão como a biblioteca, muitíssimo mal.

O primeiro funciona tão bem

que para se poder praticar desporto nesta terra é preciso pagar, e uma Biblioteca que zelando pelo bem público se encontra fechada. Será este o zelo que esta Junta tem pelos seus representados?

Mas há mais: é preciso dar andamento ao projecto, aliás já elaborado de implantação das habitações sociais, tornar realidade o jardim público prometido e que a Junta anterior exibiu em maquete ao público numa acção de cariz eleitoralista. Mas é por pouca inércia ou pouco empenho que esta Junta imprime que ainda não se vêm os indícios do começo das obras. Mas não só isto se encontra em qualquer gaveta de secretaria, há muitos e muitos projectos que ficarão para sempre guardados, ou que terão lugar no cesto de papeis. Oleiros é de tal modo carecida dos agentes do progresso social, que

para enumerar as suas carências seriam necessárias páginas totalmente escritas.

Debruçemo-nos sobre alguns mais: Para quando o início das obras que ainda se encontram por realizar, mais concretamente as estradas que ligarão Oleiros a Paços de Brandão, estrada do Candal e do Zabumba? Obras de grande interesse social mas que, pelos vistos, são de tão pouca importância que a Junta de Paços de Brandão, deu já, há bastante tempo (cerca de dois anos) o início das obras, mas que a Junta oleirense entendeu deixar tudo como estava. Já que até hoje se esperou anos e anos, agora também se poderá esperar mais alguns! É caso para perguntar: — Quem não pode ter uma pouca de paciência? Até o Céu pode esperar, porque não os problemas que afligem as populações?!

PARAMOS

Teatro na Banda

Nos dias 13 e 14 do corrente há teatro na BANDA. irá à cena «Pena de Morte» drama em três actos, «Como elas se armam», comédia em um acto,

e «Acto de variedades» com diversos artistas, a fechar o espectáculo. O artistas são prata da casa, isto é, de Paramos.

"Mau ambiente"

continuação da página 3

onde sempre houve abundância de bons elementos, encontra-se actualmente reduzida a um pequeno número sem que por isso o Comandante deixe de exercer perseguições, valendo-se agora de aspirantes e cadetes inexperientes para fazerem o serviço de incêndio e de saúde. Entretanto ele fala em inquéritos como se fosse o Corpo Activo a causa do mau ambiente, em vez de procurar em si próprio.

A propósito de inquéritos cabe perguntar:

Quem irá inquirir o Sr. Comandante porque ordenou ele próprio a saída da viatura n.º 5 para transportar um piquete de representação a Lourosa, quando era sabido que tal viatura travava mal

— e disso foi informado — indo a mesma viatura ocasionar um embate por deficiência mecânica, e de cujo acidente resultaram ferimentos nos elementos que a tripulavam e que tiveram de ser tratados no hospital.

Das avarias verificadas na viatura resultou a mesma incapacidade de tornar a servir, porquanto a sua reparação é muito dispendiosa. Por isso ela está ao ar livre no pátio do anexo há mais de um ano, a servir de recreio às crianças que a aproveitam para as suas brincadeiras, enquanto a viatura apodrece sem ser aproveitada.

Pergunta: De quem é a culpa de tamanha incuria?

Admitem-se

Ajudantes com o Curso Industrial de Electricista /Electrotécnica, ou frequência do mesmo, para construção e reparação de aparelhos e máquinas industriais.

Resposta com curriculum-vitae a:

C. C. E.

Comércio e Construções Electrotécnicas, Lda.

Apartado 46

4501 ESPINHO Codex

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
4000 PORTO
Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964
4500 ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 923399

CAFÉ E RESTAURANTE
COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

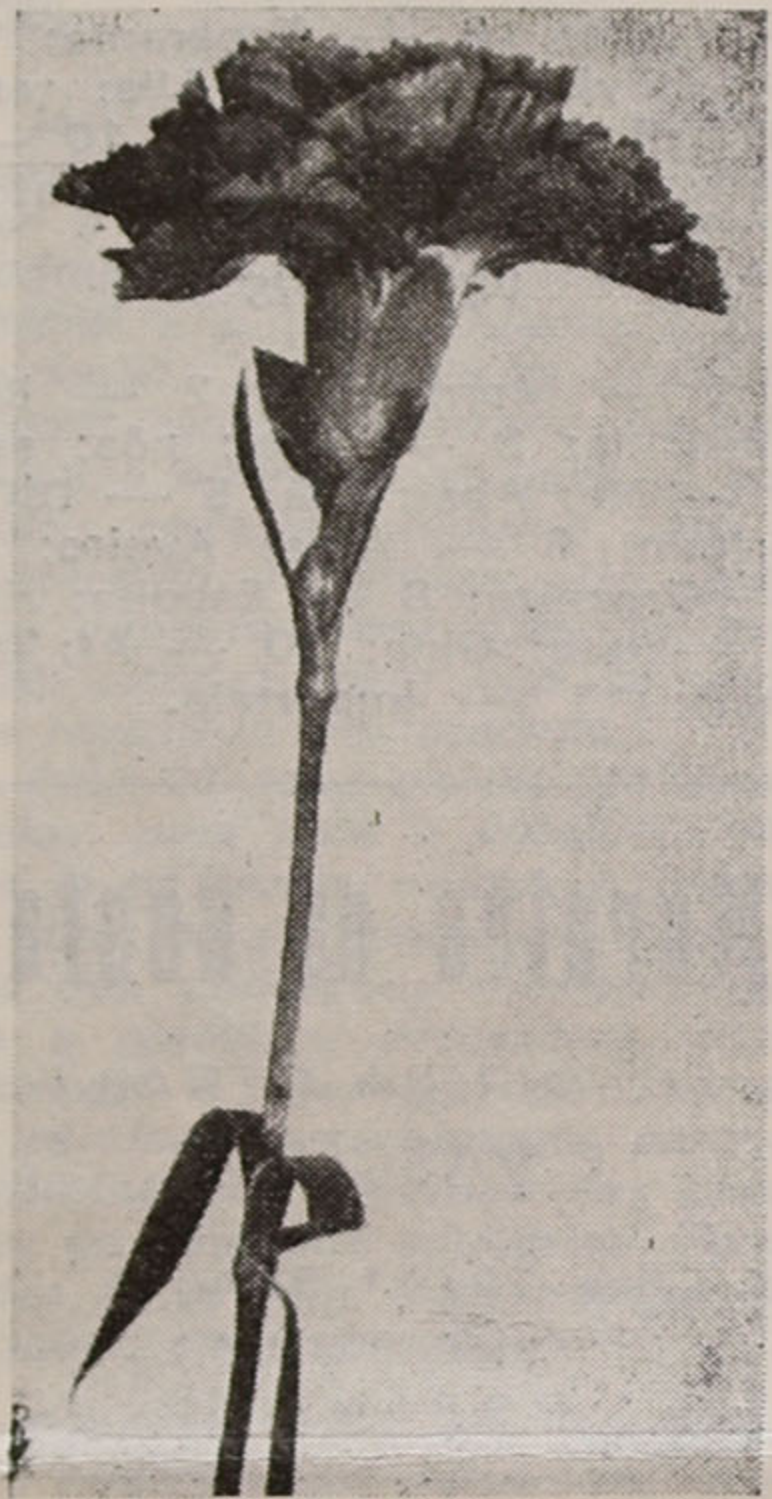
RAICA

Modas e Confecções

Rua 62 n.º 101 — Telef. 922896 — ESPINHO

ABRIL — MÊS DA LIBERDADE

FASCISMO NUNCA MAIS!



Por muito que já se tenha falado e escrito sobre o fascismo, nunca se dirá tudo. Por isso, publicamos alguns documentos que são testemunhos vividos do fascismo e dos seus horrores, por um lado, e, por outro, da luta, da coragem e do sacrifício dos muitos que o combateram e que pelos ideais da Liberdade e da Democracia passaram anos e anos nas prisões fascistas, ou deram mesmo a sua vida.

Sem eles, sem a sua resistência e luta ao fascismo, não poderíamos sequer agora escrever este artigo.

Neste ABRIL — MÊS DA LIBERDADE, lembramos o fascismo para que não nos esqueçamos, para que FASCISMO NUNCA MAIS!

HINO DE CAXIAS

*Longos corredores em trevas percorremos
Sob o olhar feroz dos carcereiros
Mas nem a luz dos olhos que perdemos
Nos faz perder a fé nos companheiros*

*Vá camarada mais um passo
Já uma estrela se levanta
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavança*

*Ouçõ ruir os muros
Quebrarem-se as grades de ferro da nossa prisão
Treme carrasco que a morte te espera
Na aurora de fogo da libertação*

*O sol da luta aquece os nossos dias
Para o cobrir desdobram-se as montanhas
Quando o fascismo aguça as garras frias
Já traz a morte a arder nas entranhas*

*Como da noite irrompe a madrugada
Como uma flor rompendo o chão da escória
A nossa voz nas celas soterradas
Já traz em si a estrela da vitória.*

JOSÉ MAGRO

e as "Cartas da Prisão"

«Eis aí outro ponto em que também estou tranquilo. Nunca me cansei de cansaço... Nun-

ca me cansei, nem creio que venha a cansar-me, da luta e da vida. Nuncal»

José Magro, recentemente falecido, após longa doença, foi membro do C. C. do PCP.

Passou, nas prisões fascistas, 21 anos. Durante todo esse tempo fez apenas uma declaração à PIDE esta: «Declaro ser membro activo do Partido Comunista Português. No interesse da minha própria defesa, por honestidade pessoal, pelos meus deveres de comunista e, acima de tudo, pelo meu amor ao

meu querido partido e ao Povo do meu País, recuso-me a fazer ou a assinar qualquer outra declaração».

Foi libertado após o 25 de Abril.

Em fins de 1974 aparece ao público um seu livro «Cartas da Prisão». Dele transcrevemos algumas passagens pelo seu valor de testemunho cruel mas real.

Vida na prisão:

INCOMUNICABILIDADE

«A privação maior residia de facto na ausência de qualquer possibilidade visível de distração, às vezes por longos meses. Quanto a mim passei por lá perto de quatro, da primeira vez. O preso não podia lobrigar um simples pedaço de papel. Um jornal ou um livro eram objectos do outro mundo. Não podia falar alto mesmo só, e muito menos cantar. Não podia repetir as idas à rerete,

sob pena de provocações ou castigos.

Uma vez, no fundo da célebre rerete e de mistura com excrementos, divisei um bocadinho de jornal já utilizado pelos guardas. Que alegria, a de rever letra. Depois de bem lavado e seco, foi matéria de repetidas leituras, apesar de se tratar, por azar do vosso amigo, de uns miseráveis anúncios!... (...)

VIDA LEGAL

APÓS SEIS ANOS NA PRISÃO

«Os primeiros dias, não obstante a sombra da ausência da companheira, foram realmente de quase euforia.

Abraçar e falar à vontade das nossas coisas com a minha corajosa Mãe, irmão e outros membros da família. Beijar, acariciar e brincar com as crianças (...). O simples facto de poder dar os «bons-dias» ou as «boas-noites», vermo-nos juntos à mesa ou ao serão. (...)

O convívio clandestino com a companheira durou três dias, numa casa isolada dos arredores. Três dias em comum, como num oásis, num deserto de vinte e três anos, até agora!

As hesitações iniciais provindas da longa separação, o pleno reentendimento físico e sentimental, as informações da filha e dos nossos, as preocupações quanto à situação conspirativa que atravessava, os planos de futuro...

Mas como podem três dias preencher uma ausência de mais de seis anos?

Muitos outros de separação passaram depois. A fidelidade e a dedicação sem limites desta mulher corajosa e tão rica em capacidade de sacrifício têm constituído desde sempre um dos alicerces da minha vida e permitido uma disponibilidade para a luta que, sem ela, dificilmente teria adquirido.»

UMA MULHER NA RESISTÊNCIA

Como muitas outras mulheres que passaram pelos cárceres fascistas, Maria da Conceição Matos Abrantes — empregada de escritório, foi uma delas. Transcrevemos a seguir algumas passagens de um depoimento seu.

«Depois de arrombarem a porta, entraram imensos pides e depois a GNR. Vinha na frente um individuo com um pé-de-cabra, e puseram-me pistolas à frente, mandando-me pôr as mãos no ar, o que eu não fiz, achando ridículo tanto aparato para prender uma mulher indefesa.

Houve uma altura em que peguei numa fotografia do meu filho que me foi arrancada das mãos. Roubaram-me todas as fotografias dele, assim como todas as minhas coisas que tinha em casa. Logo ali começaram os interrogatórios. (...) Devia ter os nervos bastante descontrolados, pois só ria às gargalhadas. Apareceu-me depois outro pide chamado Manuel Rodrigues, que me dizia que eu era muito gira, era mal empregada no Abrantes, o meu marido. Diziam-me também constantemente que a minha família me vinha procurar todos os dias, mas que enquanto eu não falasse não tinha visitas. Respondi-lhes que nunca as teria, pois podiam matar-me que eu não diria o que quer que fosse.

No dia seguinte comecei a ver bichos nas pernas de uma mesa, coisas monstruosas nas paredes e no chão. Já mal me aguentava em pé. Tinha dores de cabeça fortíssimas, vomitava a toda a hora (...)

Primeiro tiraram-me a camisola de malha, depois a blusa e a seguir a saia, para limparem as necessidades, pois durante os dias e noites que ali estive não fui à casa de banho, nem sequer para lavar as mãos. O pide Serra quis então obrigar-me a levar para a casa de banho as roupas ensopadas em urina e vomitado. Recusei-me terminantemente. Antes de começar a fazer as necessidades no chão, alimentei a esperança de que mudassem de ideias. Aguentei até à última. Arranjei com isso um descontrolo tal, que mesmo depois de ir para Caxias, urinava pelos corredores, não conseguia reter a urina. (...)

Tive a primeira visita da minha família após mês e meio da minha prisão, uma visita que durou 20 minutos no parlatório. (...)

Estive dois meses num completo isolamento, sem advogado, sem ter um lápis, sem papel, sem livros, sem ter absolutamente nada para me ajudar a passar o tempo.»

Pinto de Matos

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 921218

ESPINHO

Com. Veiga Ribeiro

O senhor Comandante referiu há pouco que a Corporação dispõe de um corpo de bombeiros perfeitamente capaz de resolver todos os problemas que se põem. Há quem diga que isso não é bem assim, que o Corpo Activo está bastante reduzido e inclui nomeadamente muitos aspirantes e cadetes que não podem dar o rendimento que seria necessário. Por outro lado, parece que nem sempre aparecem os bombeiros necessários, a sirene tem de tocar três e quatro vezes até se poder partir para a operação solicitada. Isto estaria, pois, ligado ao facto de haver falta de pessoal em número e em qualidade, até como consequência de várias demissões que se têm vindo a processar. Que nos diz quanto a isto?

— Não, com a saída de alguns elementos a Corporação melhorou bastante. O que se passa é que nós não podemos ter uma ambulância para cada sócio. Temos neste momento três ao serviço e estamos a trabalhar para adquirir outra. O que se passa e não apenas cá, é assim em qualquer corporação, é que quando o único profissional que temos ao serviço sai com uma ambulância é clero que temos problemas em sair na mesma altura com outra, quase sempre pela dificuldade em se conseguir outro condutor. O nosso problema é, pois, o de precisarmos de mais um quarteirão e pensamos admiti-lo logo que possível em termos económicos.

Quanto ao número de aspirantes e cadetes, não há cá de facto, nenhum cadete e aspirante são oito ou nove, isto em mais de setenta elementos. E isto é tudo gente que trabalha pois se não trabalharemos ao fim de três meses levanta-se um processo disciplinar e vão-se embora. Também o quadro de graduados está completo, o que acontece pela primeira vez desde há muito tempo, com sete graduados permanentemente ao serviço.

Há também quem se queixe da diferença de critérios na forma de apreciar comportamentos cá dentro, e esse seria um factor da divisão e contribuiria para diminuir a capacidade de acção da Corporação. Refere-se, nomeadamente, que há inquiridos disciplinares que

são levantados por dá cá aquela palha a determinados bombeiros, enquanto outros que tem atitudes mais graves não sofrem qualquer sanção. Que se lhe oferece dizer acerca disto?

— Os inquiridos nem são feitos por mim. Os inquiridos é que propõem as sanções e foram eles que em vários casos propuseram a demissão dos bombeiros.

«HÁ INDIVÍDUOS QUE SÃO SEMPRE CONTRA TUDO.»

E nunca a «cojoração» política dos bombeiros foi factor que motivasse má-vontade contra certos bombeiros?

— Não. Basta dizer que dois bombeiros demitidos eram do CDS e a maior parte dos outros seriam neste altura da AD. Cá dentro há de tudo, mesmo nos graduados. Eu não ponho o problema político à frente disto; ou se tem ou não se tem capacidade.

Não há dúvida que estamos perante duas imagens opostas sobre o que se passa nesta Corporação. Das afirmações do senhor Comandante ressalta a ideia de que tudo vai bem, que não há problemas de maior. De opiniões que recolhemos junto de vários bombeiros surge uma imagem de insatisfação com o trabalho, de mal-estar, a afirmação de que isto não funciona bem, que o trabalho não progride etc. Como justifica essa divisão de opiniões sobre o que se passa cá dentro?

— Quando o número de pessoas é elevado não parece ser possível todos terem a mesma opinião. Eu não faço estas afirmações com o sentido de apresentar uma imagem favorável a meu respeito. O que há é indivíduos que seja onde for são sempre contra tudo. É evidente que só não desagrada quem não toma atitudes. Mas não faz sentido que um graduado, só porque toma uma atitude que desagrada a alguns bombeiros, seja alvo de críticas. Como foi ainda recentemente o caso que o vosso jornal noticiou de uma acusação feita por quatro ou cinco

bombeiros de que eu tinha mandado destruir uma sala que eles com muito esforço tinham arranjado para convívio dos bombeiros. Ora o que se passou foi que só mandei usar um armário existente numa sala para guardar umas peças que andavam soltas. Além disso, dei autorização para se gastar uma verba de 18 contos na reparação de bilhares para equipar a sala, além de que todas as despesas de restauro lá feitas foram pagas pela Associação. Foi este, portanto o «desmantelamento» que eu fiz da sala.

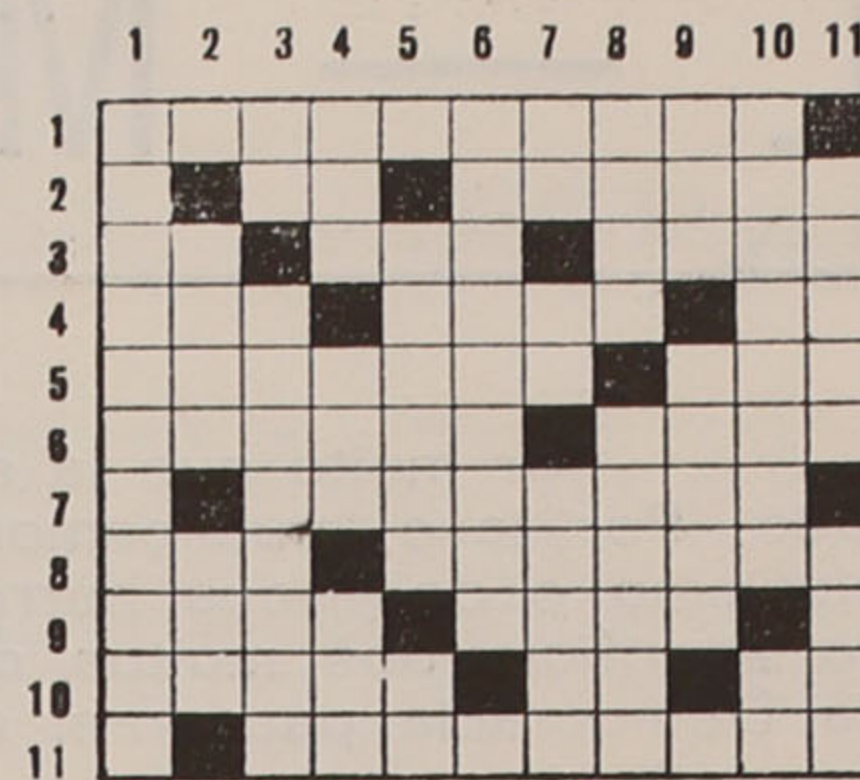
Mas antes de terminarmos gostaria de reforçar mais uma vez a ideia de que é em conjunto com os graduados que resolvo todos os problemas que surgem, todos sem excepção. Não há nenhum assunto cá dentro, a tratar ou tratado, de que eu não dê conhecimento aos graduados e ouço a opinião de cada um, quer seja no aspecto de disciplina, quer seja para aquisição de material.

«SE FORES EMBORA VAMOS TODOS.»

Gostaria só de lhe pôr mais uma questão, e esta de carácter um tanto pessoal. Acontece que o senhor Comandante já várias vezes afirmou ir desligar-se dos bombeiros, ir pedir a demissão. Como é que isso surge e porque não se concretizou ainda?

— Como sabe, estou aqui há 18 anos, o que é bastante. Ora os estatutos determinam que de três em três anos a direcção tem de dar um parecer sobre o Comandante, propor a recondução ou substituição. E quando eu informei que em fins de 79 iria deixar a Corporação e que portanto arranjassem alguém para me substituir não arranjarão ninguém. Como o meu mandato de três anos terminava agora em Fevereiro, eu pus novamente o problema, mas o presidente da direcção foi peremptório: se forés embora vamos todos, e insistiu para que eu ficasse, tanto mais que vamos iniciar as obras do quartel. E não tive outra possibilidade senão ficar mais estes próximos três anos.

PALAVRAS CRUZADAS - 61



HORIZONTAIS

1 — O que um jornal tem que fazer para estar em cima do acontecimento; 2 — Interjeição; álcool etílico; 3 — S. q. do cloro; três mil; a capital do Algarve; 4 — Foi ela a responsável pelo «pecado original»; o abade que, no séc. XVIII, criou a linguagem de sinais com as mãos actualmente usada pelos surdos; a tua pessoa; 5 — Veículos que se desjocam a grande velocidade; balcão de bebidas; 6 — Fugir; invisual; 7 — Aquilo com que «dantes» se faziam as caldeiradas da véspera de Natal; 8 — Viagem; imbecis; 9 — Lugar onde se secam os cereais; 10 — Lista de livros de leitura proibida pela Igreja; s. q. do titânio; dó antigo; 11 — A penitenciária donde, em 1976, fugiram cerca de 90 «pides».

VERTICAIS

1 — Faréis uma recepção; 2 — Importante cidade metalúrgica da Ucrânia; unidade de força do sistema C.G.S.; 3 — Tratamento familiar; arma antiga, espécie de lança em forma de meia-lua; 4 — Unidade de resistência eléctrica; jornada; As-

sociação de Editores e Livrários; 5 — Família florentina, que ficou célebre pelo apoio que deu a grandes artistas da Renascença, como Leonardo da Vinci; noventa; 6 — Nem insossa, nem salgada; 7 — Átomo (abrev.); estás; ponha na lista; 8 — Engano embaraçoso; o célebre compositor polaco das «Mazurcas», das «Valsas» e dos «Nocturnos»; 9 — Eia; ponta de cigarro (pop.); 10 — Concelho do distrito de Viseu; cidade da Caldeia; 11 — Não é morena, muito pelo contrário; semanário especializado no noticiário de espectáculos.

SOLUÇÕES DO N.º 60

HORIZONTAIS

1 — Banda; elai; 2 — Mineiros; IM; 3 — Ode; Cerci; 4 — Nola; Agosto; 5 — Te; BB; altar; 6 — Esperanto; 7 — Olívia; sã; 8 — Uis; tez; GTI; 9 — Na; caiárias; 10 — Sair; inf.; 11 — Oceanógrafo.

VERTICAIS

1 — Montejunto; 2 — Bidoses; ia; 3 — Anel; pôs; sé; 4 — Ne; Abel; caá; 5 — DIC; Britain; 6 — Área; Aveiro; 7 — Organiza; 8 — Escolta; rir; 9 — Isto; Gina; 10 — Af; tá; staff; 11 — Importais.

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.ª
Telef. 921014
ESPINHO

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas
Serviços especializados de Chapeira e Pintura
Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
Testes — Diagnósticos em todas as viaturas
Agente dos pneus «FIRESTONE»
Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29 ESPINHO
Telefs.: Oficina 921730 — Resld. 922097

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620875 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452



Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

SNACK - BAR

PRÍNCIPE

RESTAURANTE

Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

PASSA - SE

ARMAZÉM C/ 100 m2

Falar na rua 4 n.º 668 - Telef. 921324 - ESPINHO

Uma casa especializada em flos de tricot e Industriais

Boalã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO

(entre as Ruas 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteiras

MAIS DOIS SALÕES NO PAVILHÃO DA A. A. E.

VICE-PRESIDENTE JORGE MONTEIRO ESPERA RESULTADOS POSITIVOS

Ainda longe da resolução total, os problemas das instalações desportivas da Associação Académica de Espinho foram, ou estão em vias, de ser solucionados em grande parte, com a conclusão da 2.ª fase do seu pavilhão. Esta 2.ª fase — anexa ao salão principal do pavilhão — está em funcionamento há já dois meses, mas ainda não completamente concluída, conforme nos explicou Jorge Monteiro, vice-presidente da AAE:

«Há ainda pequenos problemas de acabamentos por resolver e outros mais importantes, nomeadamente a iluminação artificial e o piso. Quanto à iluminação, utilizaram-se durante algum tempo holofotes da Câmara e agora já se está a adquirir material eléctrico para a instalação definitiva. Do piso em cimento deve dizer-se que não satisfaz, pelo que se pensa revesti-lo em madeira.

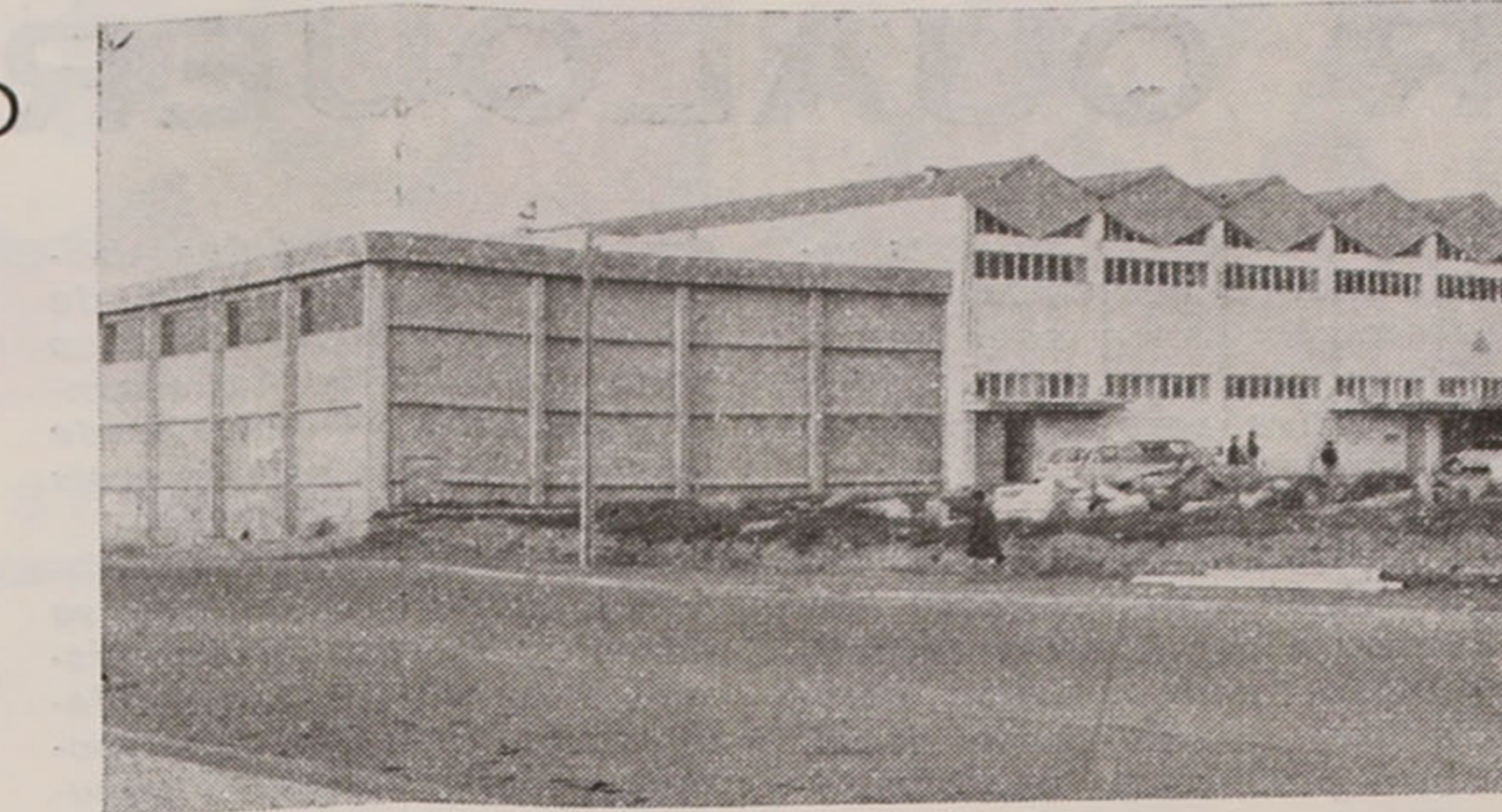
Esta 2.ª fase consta de duas salas: uma para o voleibol, onde já se fazem treinos e jogos, e outra para a ginástica, dispondo das condições mínimas para a ginástica desportiva, com estrado e corredor de saltos, e servindo naturalmente para a utilização de algumas das classes de ginástica educativa. Também aí se têm feito treinos de hóquei em campo.»

Falou-se, com era inevitável do dinheiro que tudo isto custou:

«As despesas totais rondam os cinco mil contos e, como se compreende, trata-se de uma verba que o clube não pode satisfazer a curto prazo. Já estão pagos mais de mil contos à custa de rifas, promovidas pela Comissão Pró-Pavilhão, e de subsídios, nomeadamente da Câmara e da D.G.D. Para a cobertura do restante pensa-se continuar com as iniciativas de recolha de fundos (rifas, etc.) e procurar novos subsídios, em particular um reforço da verba da D.G.D. que foi consideravelmente inferior ao que é usual em casos como estes.»

Uma «aventura», segundo as próprias palavras de Jorge Monteiro, mas o grande número de atletas que o clube movimentava, entre 500 a 600, e o seu ecletismo faziam com que o pavilhão Arq. Jerónimo Reis estivesse sobrecarregado, sendo o voleibol e a ginástica as modalidades mais prejudicadas, obrigadas ao aluguer de pavilhões escolares, nem sempre possível, enquanto que ao hóquei em patins se dava prioridade, dadas as suas características específicas. Este enriquecimento do património da AAE poderá por isso contribuir para o melhoramento acentuado da actividade daquelas duas modalidades, conforme nos disse Jorge Monteiro:

«O voleibol e ginástica foram bastante prejudicados, nesta época, pois a conclusão das obras estava prevista para Outubro e como tal tinha-se programado a ocupação do pavilhão sobretudo para o hóquei. Com o atraso verificado, as dificuldades acentuaram-se ao longo de toda esta época, com particular incidência no voleibol.



«Mas, confirmando o que dissemos no início, nem tudo está solucionado, em especial, o caso do hóquei em campo.

«De facto, a secção de hóquei em campo tem sido um exemplo de dedicação e carolice, aguentando épocas sucessivas sem um campo certo para jogar e agora recorrendo ao campo do Arcozelo para os

treinos e jogos «em casa», o que também custa dinheiro ao clube. Por isso, há já pessoas do clube entusiasmadas com a ideia de se adquirir terrenos para um campo de hóquei em campo, possivelmente nas traseiras do pavilhão, e que possa servir para se criarem novas modalidades. Suponho que, com o empenho dessas pessoas, isso possa ser mais do que uma ideia.

«Quando às nossas novas instalações, pensamos que não basta satisfazer as necessidades das diversas secções. Por isso se está a encarar seriamente a possibilidade de levar os sócios do clube a aproveitarem essas instalações nas horas de menor ocupação, segundo um programa devidamente orientado. Julgamos que é um processo excelente de estimular a prática desportiva junto dos associados e de os fazer aproximar mais do clube e da sua realidade.»

Espinho, 2 Beira-Mar, 1

Na 2.ª feira, o Sp. Espinho viu retribuída a visita que há meses fizera a Aveiro. Ao falhanço da bilheteira (muito pouca gente) sucedeu um futebol não tão mau, sobretudo na segunda-parte em que o Espinho, contra a forte nortada, exibiu um futebol agradável e poderia ter construído um resultado volumoso.

Aliás, o primeiro tempo só teve de interesse o golo de Ruben, um Ruben que se revelou rápido, duro demais... com sentido de progressão e bem mais «jogável» que a «opção-Cláudio». O Beira-Mar, muito incipiente, empatou logo após o recomeço e assistiu-se à melhor fase do jogo, com destaque para a movimentação de João Carlos, com golos sucessivos falhados por Ruben e Canavarro. Foi este mesmo, que já perto do fim, deu um mínimo de verdade ao resultado. Enfim, um bom treino.

PEQUENOS PROMETEM

Tiveram comportamento excelente as equipas de infantis e iniciados do SCE que, nas Antas, e no Bessa, disputaram torneios, com as melhores equipas do Norte. Em ambos os casos, os espinhenses foram batidos na final, respectivamente perante o F. C. Porto e o Boavista, tendo o infantil Ramiro ganho o prémio do jogador mais habilidoso do torneio disputado nas Antas.

VOLEI E GINÁSTICA DO SARRE (R F A) VISITARAM ESPINHO

No âmbito do intercâmbio cultural e desportivo acordado entre Portugal e a República Federal Alemã, deslocou-se ao norte do país mais uma delegação de juvenis do Sarre, desta feita com classes de ginástica e de voleibol.

Em Espinho, os jovens alemães repartiram-se pelo pavilhão da AAE, onde participaram num sarau que integrou o Torneio Interno de Ginástica do clube espinhense, e pelo pavilhão do SCE onde participaram numa jornada de voleibol.

Nesta jornada, o aspecto desportivo ficou salvaguardado pelo encontro que opôs uma equipa de juniores e juvenis da Associação de Voleibol do Porto a uma equipa das mesmas categorias do Sp. Espinho. O seleccionado nortenho venceu por 3-1, num encontro muito bem disputado e em que a equipa local deu muito boa conta de si. O mesmo não se pode dizer do encontro que se seguiu, em que a equipa juvenil feminina do SCE bateu muito facilmente por 3-0 a sua congénere ale-

mã. Segundo o responsável alemão, as suas atletas são iniciadas nesta idade praticamente apenas no aspecto físico, explicando assim a incipiência técnica e tática de que deram mostras.

Terá as suas razões o treinador alemão, mas é verdade é que estas visitas dos juvenis do Sarre pouco mais de positivo têm trazido do que a oportunidade de convívio entre jovens dos dois países, pois que no aspecto desportivo o intercâmbio é nitidamente desfavorável aos portugueses.

Futebol e Andebol dominam o próximo fim-de-semana

O Espinho-Marítimo, a disputar pelas 16 horas do próximo domingo, concentra as atenções dos adeptos espinhenses, dada a sua importância para o futuro do SCE. No entanto, haverá outros bons pitus com que preencher o fim-de-semana. Ainda no futebol, os juniores do SCE recebem o Guarda, num jogo com carácter quase decisivo para a permanência na I Divisão.

Entretanto, terá início a fase final do Nacional de Andebol com a visita de, nem mais nem menos, as duas melhores equipas do sul: o Sporting, campeão nacional, pelas 19 horas de sábado, e o Benfica, às 18,15 h. de domingo.

Por outro lado, duas embaixadas desportivas espinhenses estarão longe da terra: o SCE, em Lisboa, que disputará o campeonato de Portugal dos 10.000 m. com António Leitão e Fernando Couto e uma estafeta de 4x400 m.; quanto à AAE fará deslocar no sábado, até à Guarda, a sua equipa de xadrez que ali defrontará, para a Taça de Portugal o Grupo de Xadrez local, uma ds formações mais fortes das paíes.

PARAMOS — Futebol Amador

TORNEIO DO FUTEBOL CLUBE DA CORREDOURA

Resultados do último fim de semana: Quinta (A), 2 — Agueiro, 1; Estrada, 5 — Schalke, 1.

Tarde fraca do forte agrupamento da Quinta, vencedor consecutivo dos três torneios anteriores, com um magro resultado conseguido frente ao grupo do Agueiro que lhe fez vida cara; e o volumoso resultado da «Estrada» que abriu o activo com um golão do fogueiro jogador Valdemar, em remate forte e bem colocado de ângulo difícil.

No domingo de Páscoa realizou-se um jogo entre «solteiros» e casados, por iniciativa do F. C. Tigres, que levou a assistir ao prélio bastante gente, em manhã soalheira. Havia ofertas de prémios e em disputa uma taça oferecida pela Casa Lucas de Paramos. A realização valeu pelo convívio das pessoas. O resultado sorriu por 4-1 aos casados, com todos os golos marcados por Amílcar, que assim se desforraram da derrota sofrida no ano anterior.

UTILIDADES DOMÉSTICAS FERRAMENTAS
FERRAGENS BANCAS EM AÇO INOX
AGLOMERADOS DE MADEIRA LAMINADOS (fórmica)

CENTRAL
de FERRAGENS
de ESPINHO, L.^{DA}

AGENTES DA BLACK & DECKER

Rua 12 n.º 618

ESPINHO

VENDE-SE

MÁQUINA DE
COSTURA EM BOM
ESTADO

Favor contactar:
Telefone 922194
ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas,
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ESPINHO

Carlos Albuquerque Pinho

MÉDICO

Doenças do aparelho
digestivo

CONSULTAS

2.ª, 3.ª e 6.ª feiras
da parte da tarde

CONSULTÓRIO

Rua 31 n.º 321 — ESPINHO

POR QUALQUER PREÇO ?

Por razões ainda não esclarecidas e a pedido não se sabe de quem, o Estádio Municipal vai aparecer incluído na ordem de trabalhos da próxima sessão da Assembleia Municipal, no dia 18. Significa isto que o Estádio vai ser discutido pelos membros da A. M. e que sobre este assunto lhes caberá decidir alguma coisa. O quê, afinal? Se interessa ou não à cidade um Estádio? Não parece que isso esteja sequer em causa. Qual o nome que se vai dar ao Estádio? Afigura-se-nos prematuro. Ou será a já «velha» história da localização do Estádio? Tudo indica que sim.

Como é sabido, foi aprovada pela anterior A. M. a inserção do Complexo Desportivo no lugar de Sales, que igualmente inclui o futuro Parque de Campismo, no propósito de aí se salvar uma vasta área arborizada com a inclusão de uma estrutura turística e desportiva, optimamente enqua-

drada do ponto de vista urbanístico e adequada à concentração de variadas actividades de lazer e de prática desportiva para a população espinhense.

Mas, como também se sabe, cedo este projecto começou a ser fortemente contestado, com grandes campanhas na imprensa local, com poderosas movimentações nos bastidores dos gabinetes e ministérios, tudo isto afinal provocado pela circunstância comezinha de parte desses terrenos pertencerem ao sr. Manuel Violas e família. Sendo, como é, do conhecimento geral, que este industrial tem um grande poder económico, que a esse poder económico se veio acrescentar o poder económico da sociedade Solverde por ele dominada, que esta empresa domina ainda o jornal «Defesa de Espinho» e que nas organizações políticas de direita do concelho o mesmo industrial tem forte influência, é fácil enten-

der como uma simples «birra» de quem não «gosta de perder nem a feijões», se pode transformar no assunto dominante da actualidade local e pôr em causa os reais interesses da população.

No entanto, e no que se refere ao Parque de Campismo, a manifesta incapacidade de toda esta máquina poderosa em mobilizar a população com os seus argumentos e a firmeza dos anteriores órgãos municipais impuseram a força da razão, fazendo com que o projecto fosse aprovado, ao que parece, agora, definitivamente.

Disso se parece ter convencido toda a gente — o próprio Presidente da Câmara o reconheceu — e daí que as atenções se concentrem agora no Estádio, que tão falado foi na campanha eleitoral da AD. Falava-se que a Solverde, ou melhor Manuel Violas, anteciparia e dobraria os 25.000 contos que a empresa tem de dar,

segundo o contrato com Estado, e após alguns meses de expectativa (e, muito provavelmente, de «negociações»), o sr. Violas parece ter aceite a derrota no Parque de Campismo em troca de uma vitória no Estádio.

A «vitória» do sr. Violas, agora, possivelmente depositada nas mãos da Assembleia Municipal e, sobretudo, da maioria AD que aí funciona, será a transferência da localização do Estádio, para outros terrenos mais «a jeito». Há, reconheça-se, um argumento de peso a favor desta hipótese: os 50.000 contos ali estendidos aos pés dos representantes do povo de Espinho. Mas subsistem muitos contras que se espera sejam também devidamente pesados:

1) O facto de já haver algum dinheiro não é garantia da aceleração das obras, dada a ausência de qualquer estudo alternativo e a morosidade burocrática

que isso implica.

2) Um estádio, embora necessário, não substitui um Complexo Desportivo, projecto muito mais ambicioso e que contempla não só o futebol, mas também outras modalidades que em Espinho não se desenvolvem mais por falta de instalações (atletismo, natação, etc.).

3) A Câmara Municipal e os responsáveis pelo Sp. Espinho, em recente reunião acordaram em que é necessário um Complexo Desportivo (e não apenas um Estádio) e que a localização já aprovada se afigura satisfatória.

Tudo isto, para além de um outra verdade: o poder económico do sr. Violas confere-lhe o direito de mandar na Corfi, na Cotesi, na Solverde, na «Defesa de Espinho» e em outras coisas mais; mas do concelho de Espinho não consta que seja o accionista maioritário.

PRESIDENTE DA CÂMARA EM LISBOA

Integrado naquilo que parece pretender aparecer como uma «estratégia de desbloqueamento» de situações de interesse para o concelho, deslocou-se a Lisboa nos primeiros dias desta semana o Presidente da Câmara, José Fonseca. Ali, e em contacto com vários organismos e responsáveis governamentais procurou inteirar-se do andamento de alguns projectos de interesse para Espinho, todos eles aliás lançados por iniciativa de Câmaras anteriores, mas que os atrasos e a burocracia mais ou menos ine-

vitáveis têm vindo a adiar.

José Fonseca deverá ter estado em contacto com algumas Secretarias de Estado, entre elas a dos Transportes, para tratar do processo relativo à implantação de uma central de camionagem na cidade e a da Justiça, por causa da tão falada como adiada construção do novo tribunal. Noutros sectores, estavam também previstas reuniões na Secretaria de Estado da Habitação, no sentido de tentar garantir o lançamento da terceira fase do complexo habita-

cional da Ponte de Anta, bem como na Secretaria da Saúde, onde o tema em análise terá sido a possibilidade de construção de um edifício conjunto para receber o Centro de Saúde e os Serviços Médico-Sociais. Também os serviços do Ministério das Obras Públicas deveriam abrir-se para o presidente espinhense, interessado em descobrir ali o que é que está a impedir a construção da Variante à 109. Enfim, uma jornada cheia que esperemos traga boas novidades para as populações do concelho.

AD quis mandar...

dores, por sinal do PS e APU, o que vai criar um equilíbrio bem diferente do que a AD pretendia. E pretendia nem se sabe bem para quê, só se fosse para melhor boicotar as comarcações, porque a verdade é que sempre se tem mostrado muito pouco interessada em celebrar a data.

Foram esboçadas algumas possibilidades de programa, e

as colectividades concelhias vão ser contactadas no sentido de informarem da sua disposição em colaborar. É, pois, natural que na próxima reunião se avance já para um programa mais definitivo, dando assim condições para que a população espinhense celebre dignamente uma data inesquecível.

Mais uma Páscoa...!

Páscoa que já se foi. Que passou por fora e por dentro, que foi aparente e real, que se sentiu e se tocou, que nem se sentiu nem se tocou. O religioso das celebrações e a reflexão de cada um. As tradições que ainda restam e o homem novo que pode ressuscitar. A Páscoa que foi quadra de

fé, festa de crença, reaviver das esperanças. Mas Páscoa que foi também, mola do negócio em tempos pouco famosos, mas que, ainda, fez vender. O ovo chocolate oco com laçarotes, as amêndoas de licor de baunilha a mais de duzentos, de quatrocentos, alguma de seiscentos escudós o quilo. As re-

queltas, o pão-de-ló, duas ou mais notas de cem a unidade de peso. As flores, antes e depois do dia dos Ramos a pedir o folar dos padrinhos, ramos enormes, um tanto fúnebres, caixas de plástico com orquídeas a preço de amêndoas. A Páscoa comércio, a Páscoa aparência, que esvazia carteiras, contrabalança as finanças dos comerciantes, provoca males do fígado.

A Páscoa que já passou. Ficaram, como vestígios, alguma reflexão interior, pacotes de amêndoas que não se venderam, o resto dos doces para comer pela semana fora, algumas indisposições físicas. Restos do que se viu e do que se sentiu!

CINECLUBE - NASCENTE

Sexta-feira, 11 de Abril — às 21,30 h. — na Sede

O Nascimento de uma Nação

de David Griffith (E.U.A.)

A primeira grande produção da história do cinema americano e uma das obras mais célebres de todos os tempos.



CINECLUBE INFANTIL

Domingo, 13 de Abril — às 11 horas — na Sede

SELECÇÃO DE FILMES CANADIANOS

Nota: se já preenchestes o teu programa e desenhaste os animais que viste no filme «A FLORESTA MARAVILHOSA», podes trazê-lo para o vermos. Poderás receber um prémio pelo teu trabalho!



A Biblioteca Gulbenkian
Rua 21 - ESPINHO

PORTE
PAGO